

As Cotas da Justiça e as Cotas do Brasil

Frei David Santos OFM

Dirigente da ONG Educafro - Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes.

I - INTRODUÇÃO

Os Desembargadores do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro estão com um grande desafio em suas mesas de trabalho: precisam amadurecer uma opinião e dar seu voto num tema que, política, histórica e juridicamente o Brasil evitou debater até então e “jogou-o para debaixo do tapete” - DIVERSIDADE ÉTNICA E IGUALDADE DE OPORTUNIDADES em todos os setores da vida nacional, passando pelas universidades. A grande maioria das pessoas com cursos universitários tem uma visão superficial sobre o assunto. Constata-se que a questão do povo negro nunca foi suficientemente debatida em salas de aulas.

O Brasil precisa rever como tem aplicado as leis do direito para garantir a igualdade de oportunidades. Ele precisa olhar para os seus filhos e filhas e dizer se está ou não satisfeito com a aplicação da justiça. Ele precisa responder que todos **só** serão iguais quando se reduzirem as desigualdades existentes entre as etnias. Isto se faz com medidas **que geram a inclusão**. A solução está neste olhar e na busca desta equação. É fundamental que façamos este julgamento olhando para a trajetória de oportunidades dos/as nossos/as filhos/as, comparando com as oportunidades dos/as filhos/as de nossos/as empregados/as, desde a primeira escola até o momento atual do debate. Estes dois grupos de brasileiros/as irão se encontrar à porta da universidade pública querendo ingressar. É honesto e justo a universidade pública tratar igual estes dois grupos de brasileiros que sempre foram tratados desigualmente, em todas as suas trajetórias de vida até chegar à porta desta universidade?

II - AS COTAS PARA NEGROS: POR QUE MUDEI DE OPINIÃO

Estávamos compondo uma equipe que tinha como missão sugerir nomes para formar uma mesa no Senado, na Comissão de Constituição e Justiça, para debater sobre o sistema de COTAS NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS. Deveria ter duas pessoas contra e duas a favor às cotas. Um dos convidados a favor foi o Juiz Federal William Douglas¹. Ele foi muito feliz em sua exposição e achei fundamental reproduzir seu artigo/testemunho na íntegra. Acredito que sua reflexão fortemente convicta a partir de uma experiência de vida ilumina quem precisa tomar uma decisão jurídica. Segue seu depoimento:

Assim iniciou o Juiz Federal:

“Roberto Lyra, Promotor de Justiça, um dos autores do Código Penal de 1940, ao lado de Alcântara Machado e Nelson Hungria, recomendava aos colegas de Ministério Público que ‘antes de se pedir a prisão de alguém deveria se passar um dia na cadeia’. Gênio, visionário e à frente de seu tempo, Lyra informava que apenas a experiência viva permite compreender bem uma situação.

Quem procurar meus artigos, verá que no início era contra as cotas para negros, defendendo com boas razões, eu creio que seria mais razoável e menos complicado reservá-las apenas para os oriundos de escolas públicas. **Escrevo hoje para dizer que não penso mais assim.** As cotas para negros também devem existir. E digo mais: a urgência de sua consolidação e aperfeiçoamento é extraordinária.

Embora Juiz Federal, não me valerei de argumentos jurídicos. A Constituição da República é pródiga em planos de igualdade, de correção de injustiças, de construção de uma sociedade mais justa. Quem quiser, nela encontrará todos os fundamentos de que precisa. A Constituição de 1988 pode ser usada como se queira, mas me parece evidente que a sua intenção é, de fato, tornar esse país melhor e mais decente. Desde sempre as leis reservaram privilégios para os abastados, não sendo de se exasperarem as classes dominantes se, umas poucas vezes ao menos, sesmarias, capita-

¹ Mestre em Direito (UGF), especialista em Políticas Públicas e Governo (EPPG/UFRJ), professor e escritor, caucasiano e de olhos azuis.

nias hereditárias, cartórios e financiamentos se dirigirem aos mais necessitados.

Não me valerei de argumentos técnicos nem jurídicos dado que ambos os lados os têm em boa monta, e o valor pessoal e a competência dos contendores desse assunto comprovam que há gente de bem, capaz, bem intencionada, honesta e com bons fundamentos dos dois lados da cerca: os que querem as cotas para negros, e os que as rejeitam, todos com bons argumentos.

Por isso, em texto simples, quero deixar clara minha posição como homem, cristão, cidadão, juiz, professor, ‘guru dos concursos’ e qualquer outro adjetivo a que me proponha: as cotas para negros devem ser mantidas e aperfeiçoadas. E meu melhor argumento para isso é aquele que me convenceu a trocar de lado: **‘passar um dia na cadeia’**. Professor de técnicas de estudo, há nove anos venho fazendo palestras gratuitas sobre como passar no vestibular para a EDUCAFRO, pré-vestibular para negros e carentes.

Mesmo sendo, por ideologia, contra um pré-vestibular ‘para negros’, aceitei convite para aulas como voluntário naquela ONG por entender que isso seria uma contribuição que poderia ajudar, ou seja, aulas, doação de livros, incentivo. Sempre foi complicado chegar lá e dizer minha antiga opinião contra cotas para negros, mas fazia minha parte com as aulas e livros. E nessa convivência fui descobrindo que se ser pobre é um problema, ser pobre e negro é um problema maior ainda.

Meu pai foi lavrador até seus 19 anos, minha mãe operária de ‘chão de fábrica’, fui pobre quando menino, remediado quando adolescente. Nada foi fácil, e não cheguei a Juiz Federal, a 350.000 livros vendidos e a fazer palestras para mais de 750.000 pessoas por um caminho curto, nem fácil. Sei o que é não ter dinheiro, nem portas, nem espaço. Mas tive heróis que me abriram a picada nesse matagal onde passei. E conheço outros heróis, negros, que chegaram longe, como Benedito Gonçalves, Ministro do STJ, Angelina Siqueira, Juíza Federal. Conheço vários heróis, negros, do Supremo à portaria de meu prédio.

Apenas não acho que temos que exigir heroísmo de cada menino pobre e negro desse país. *Minha filha, loura e de olhos*

claros, estuda há três anos num colégio onde não há um aluno negro sequer, onde há excelentes brinquedos, professores bem remunerados, aulas de tudo; sua similar negra, filha de minha empregada, e com a mesma idade, entrou na escola esse ano, escola sem professores, sem carteiras, com banheiro quebrado. Minha filha tem psicóloga para ajudar a lidar com a separação dos pais, foi à Disney, tem aulas de Ballet. A outra, nada mais tem que um quintal de barro, viagens mais curtas. A filha da empregada, que ajudo quanto posso, visitou minha casa e saiu com o sonho de ter seu próprio quarto, coisa que lhe passou na cabeça quando viu o quarto de minha filha, lindo, decorado, com armário inundado de roupas de princesa. Toda menina é uma princesa, mas há poucas das princesas negras com vestidos compatíveis, e armários, e escolas compatíveis, nesse país imenso. A princesa negra disse para sua mãe que iria orar para Deus pedindo um quarto só para ela, e eu me incomodei por lembrar que Deus ainda insiste em que usemos nossas mãos humanas para fazer Sua Justiça. Sei que Deus espera que eu, seu filho, ajude nesse assunto. E se não cresse em Deus como creio, saberia que com ou sem um ser divino nessa história, esse assunto não está bem resolvido. O assunto demanda de todos nós uma posição consistente, uma que não se prenda apenas a teorias e comece a resolver logo os fatos do cotidiano: faltam quartos e escolas boas para as princesas negras, e também para os príncipes dessa cor de pele.

Não que tenha nada contra o bem-estar da minha menina: os avós e os pais dela deram (e dão) muito duro para ela ter isso. Apenas não acho justo nem honesto que lá na frente, daqui a uma década de desigualdade, ambas sejam exigidas da mesma forma. Eu direi para minha filha que a sua similar mais pobre deve ter alguma contrapartida para entrar na faculdade. Não seria igualdade nem honestidade tratar as duas da mesma forma só ao completarem quinze anos, mas sim uma desmesurada e cruel maldade, para não escolher palavras mais adequadas.

Não se diga que possamos deixar isso para ser resolvido só no ensino fundamental e no médio. É quase como não fazer nada

e dizer que tudo se resolverá um dia, aos poucos. *Já estamos com muito mais que duzentos anos de espera por dias mais igualitários.* Os pobres sempre foram tratados à margem. **O caso é urgente: vamos enfrentar o problema no ensino fundamental, médio, sem deixar de também trabalhar por cotas, universidade, distribuição de renda, tributação mais justa e assim por diante. Não podemos adiar nada, nem recuar nem um pouco.**

Foi vendo meninos e meninas, negras e negros, todos pobres, tentando uma chance, sofrendo, brilhando nos olhos uma esperança incômoda diante de tantas agruras, que fui mudando minha opinião. *Não foram argumentos jurídicos, embora eu os conheça, foi passar não um, mas vários ‘dias na cadeia’.* Na cadeia deles, os pobres, lugar de onde vieram meus pais, de um lugar que experimentei um pouco só quando mais moço. De onde eles vêm, as cotas fazem todo sentido.

Se alguém discorda das cotas, me perdoe, mas não deve fazê-lo olhando os livros e teses, ou seus temores. Livros, teses, doutrinas e leis servem a qualquer coisa, até ao nazismo. *Temores apenas toldam a visão serena.* Para quem é contra, com respeito, recomendo um dia ‘na cadeia’. Um dia de palestra para quatro mil pobres, brancos e negros, onde se vê a esperança tomar forma e precisar de ajuda. Convido todos que são contra as cotas a passar conosco, brancos e negros, uma tarde num cursinho pré-vestibular da Educafro para quem não tem pão, passagem, escola, psicólogo, cursinho de inglês, ballet, nem coisa parecida, inclusive professores de todas as matérias no ensino médio.

Se você é contra as cotas para negros, eu o respeito. Aliás, também fui contra por muito tempo. Mas peço uma reflexão nessa semana: na escola, no bairro, no restaurante, nos lugares que frequenta, repare quantos negros existem ao seu lado, em condições de igualdade (não vale porteiro, motorista, servente ou coisa parecida). Se há poucos negros ao seu redor, me perdoe, mas você precisa ‘passar um dia na cadeia’ antes de firmar uma posição coerente não com as teorias (elas servem pra tudo), mas com a realidade desse país. Com nossa realidade urgente. **Nada me convenceu, amigos, senão a realidade, senão os meninos**

e meninas querendo estudar ao invés de qualquer outra coisa, querendo vencer, querendo uma chance.

Ah, sim, ‘os negros vão atrapalhar a universidade, baixar seu nível’, conheço esse argumento e ele sempre me preocupou, confesso. Mas os cotistas já mostraram que sua média de notas é maior, e menor a média de faltas do que daqueles que nunca precisaram das cotas. Curiosamente, negros ricos e não cotistas faltam mais às aulas do que negros pobres que precisaram das cotas. A explicação é simples: apesar de tudo a menos por tanto tempo, e talvez por isso, eles se agarram com tanta fé e garra ao pouco que lhes dão, que suas notas são melhores do que a média de quem não teve tanta dificuldade para pavimentar seu chão. Somos todos humanos, e todos frágeis e toscos: apenas precisamos dar chance para todos.

Precisamos confirmar as cotas para negros e para os oriundos da escola pública. Não podemos considerar apenas os deficientes físicos (o que todo mundo aceita), mas também os deficientes economicamente, e dar a eles uma oportunidade de igualdade, uma contrapartida para caminharem com seus coirmãos de raça (humana) e seus concidadãos, de um país que se quer solidário, igualitário, plural e democrático. Não podemos ter tanta paciência para resolver a discriminação racial que existe na prática: vamos dar saltos em vez de rastejar em direção a políticas afirmativas de uma nova realidade.

Se você não concorda, respeito, mas só se você passar um dia conosco ‘na cadeia’. Vendo e sentindo o que você verá e sentirá naquele meio, ou você sairá concordando conosco, ou ao menos sem tanta convicção contra o que estamos querendo: igualdade de oportunidades, ou ao menos uma chance. Não para minha filha, ou a sua, elas não precisarão ser heroínas e nós já conseguimos para elas uma estrada. **Queremos um caminho para passar quem não está tendo chance alguma, ao menos chance honesta. Daqui a alguns poucos anos, se vierem as cotas, a realidade será outra. Uma realidade melhor.** E queremos você conosco nessa história.

Não creio que esse mundo seja seguro para minha filha, que tem tudo, se ele não for ao menos um pouco mais justo para com

os filhos de outros, que talvez não tenham tido minha sorte. **Talvez seus filhos tenham tudo, mas tudo não basta se os filhos de outros não tiverem alguma coisa.** Seja como for, por ideal, egoísmo (de proteger o mundo onde vão morar nossos filhos), ou por passar alguns dias por ano ‘na cadeia’ com meninos pobres, negros, amarelos, pardos, brancos, é que aposto meus olhos azuis dizendo que precisamos das cotas, agora.

E, claro, financiar os meninos pobres, negros, pardos, amarelos e brancos, para que estudem e que por meio do conhecimento mudem sua história, e a do nosso país em um todo, afinal de contas, moraremos todos naquilo que estamos construindo.

Então, como diria Roberto Lyra, em uma de suas falas, ‘O sol nascerá para todos. Todos dirão - nós - e não - eu. E amarão ao próximo por amor próprio. Cada um repetirá: possuo o que dei. Curvemo-nos ante a aurora da verdade dita pela beleza, da justiça expressa pelo amor.’

Justiça expressa pelo amor e pela experiência, não pelas teses. As cotas são justas, honestas, solidárias, necessárias. E, mais que tudo, urgentes. Ou fique a favor, ou pelo menos visite a cadeia.”

Este depoimento do Juiz Federal William Douglas faz-nos pensar o quanto é fundamental a ‘experiência de cadeia’ para todos nós quando estamos diante de desafios novos. Para Canções novas, sugerem-se ouvidos novos. As Ações Afirmativas/cotas chegam ao Brasil clamando a todos os Brasileiros, em qualquer estagio de participação na vida nacional a reverem suas posições.

III - PESQUISA CONFIRMA: COTAS EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS SÃO BEM ACEITAS

Quase 100 Universidades e Instituições Superiores de Ensino Superior já adotaram algum tipo de Ações Afirmativas no Brasil! Todas estas pesquisas, das próprias Universidades, confirmam que as Cotas para alunos afrodescendentes nas universidades públicas não acirraram conflitos em nenhum tipo de relação étnica no ambiente acadêmico. Nas universidades onde existem ações afirmativas, 62% dos alunos aprovam a medida. Há uma satisfação com a medida e acham que a universidade está mais cordial que a própria

sociedade em seu cotidiano, em relação a este tema. Reconhecem que muito precisa ser feito e que as Cotas são só um passo.

A pesquisa foi apresentada no “Monitoramento das Políticas de Ação Afirmativa”, divulgado pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) Rio. Mais de dois mil e quinhentos alunos de diversas etnias foram ouvidos em dez universidades públicas do país que adotam ações afirmativas em seus sistema de ingresso, como as Cotas. A pesquisa focou nos resultados do sistema de Cotas.

A pesquisa revela que a maior parte dos alunos entrevistados, 57,5%, avaliou como boa a relação entre os colegas oriundos de ações afirmativas com os outros alunos que ingressaram sem o instrumentos das Cotas. Quando perguntado pelo relacionamento em geral, 60,4% o acharam bom. Quando a pergunta é voltada para os professores, esta avaliação positiva sobe para 67%. A relação com os funcionários da universidade também está num bom patamar, chegando a 64,4%. Percebe-se um crescimento na aprovação daqueles que fazem a universidade.

Quando se pergunta sobre o tratamento dispensado a negros e brancos na universidade, as opiniões ficam divididas: cerca de 40% responderam que às vezes existe tratamento diferenciado e outros 43,6% contaram que nunca ou quase nunca há desigualdade.

Quando se pergunta sobre as formas como negros e brancos são tratados na sociedade, a divergência aparece. A maior parte, 46,7%, disse que **sempre, ou quase sempre, há diferenciação** e outros 47,6% informaram que isso ocorre às vezes.

Elielma Machado, pesquisadora que acompanhou esta pesquisa, afirma que o monitoramento esclarece que os alunos percebem mais racismo fora do que dentro das faculdades.

Outras pesquisas têm apontado esta constatação: que os casos mais comuns de racismo acontecem no comércio, shoppings ou mesmo na rua. “Realmente, na universidade não aparecem tantas queixas de racismo” afirmou, ou ficam camufladas.

A luta por cotas no Brasil é fundamentalmente uma luta dos grupos negros organizados. Como o debate sobre as cotas ganha corpo nas universidades, especialmente o diálogo com os conselhos universitários, nestes a comunidade negra tem pautado também a inclusão dos alunos da rede pública, indígenas, deficientes e

outros segmentos. Em algumas situações, apesar de o negro forçar o debate, o conselho universitário não teve sabedoria para ouvir o diferente e só se emplacaram Cotas para os outros segmentos. As pesquisas da PUC-RIO indicam que os alunos de escolas públicas são os mais beneficiados com a política de Cotas, adotadas pelas universidades públicas do país. Em seguida, estão os indígenas e, por último, os protagonistas da luta, a população negra.

Desde 2006, 60% das universidades estaduais e federais do país adotam algum tipo de ação afirmativa. Destas, quase a metade (42%) adota Cotas. Entre as universidades que fazem reserva de vagas, a maioria é para alunos de escolas públicas, 82%, sendo que 59% são para indígenas e 58%, para negros. É justamente o negro o menos beneficiado com o sistema de Cotas que está sendo implantado no Brasil. A UnB e a UNIFESP foram algumas das que reconheceram as Cotas como reparação contra os anos de escravidão e exploração sofridos por este povo.²

Apesar de as Cotas raciais não serem predominantes quanto às outras duas, são alvo muito mais frequente de perseguição e críticas por intelectuais, alguns Senadores de direita e outros poucos setores da sociedade. Uma explicação para se compreender esta atitude está no racismo inconsciente. É muito difícil a pessoa admitir que é racista. No Brasil é necessária uma conscientização nacional para exterminar o racismo inconsciente que faz muitos estragos nas relações pluriétnicas.

Esse é um tema que ainda hoje é muito delicado, porque muitos acham que o racismo não existe. Então, quando se fala na necessidade de ter uma cota para negros, é como se fossemos obrigados a reconhecer o racismo no Brasil. A ideologia da democracia racial está impregnada em muitos corações e mentes. O trabalho de limpeza é demorado e necessita que a pessoa se reconheça e queira limpar-se deste câncer.

O levantamento da PUC aponta outros tipos de ações afirmativas em dez instituições pesquisadas: 1) reserva de vagas para

² Banco de dados coletados nos debates e nos sites das universidades pela Educafro - Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes.

alunos de escolas públicas, indígenas e negros; 2) programas para inserir deficientes físicos, assentados da reforma agrária, quilombolas, filhos de policiais mortos em combate, alunos provenientes de cidades do interior, etc. 3) criação de vagas extras nos cursos, principalmente para alunos indígenas; 4) adição de pontos no vestibular. É a opção da USP que, infelizmente, tem dado um resultado muito fraco e desmotivador.

O trabalho de compreensão destes novos desafios exige despojamento, estar desarmado e querer atacar o problema com profundidade. Não tendo determinação, a mudança de paradigmas torna-se difícil e necessita que a pessoa se reconheça racista e queira limpar-se deste câncer social.

IV - DOS INTELECTUAIS AO SENADO NACIONAL: UMA REVISÃO NECESSÁRIA

Foi transmitido ao vivo para todo Brasil e está registrado nos anais do Senado Federal: no dia 14 de maio de 2008, o Senador Paulo Paim, na ocasião quebrou o protocolo e abriu a Tribuna para pessoas da sociedade, militantes da inclusão pluriétnica dirigirem aos Senadores um apelo. Entre os convidados estava este militante que escreve. Segue na íntegra, o que pude falar aos Senadores:

“O SR. PRESIDENTE (Paulo Paim. Bloco/PT- RS) - Passo a palavra, de imediato, como já havia sido anunciado pelo Senador Cristovam, ao Frei David.

O SR. FREI DAVID DOS SANTOS - A todos os ouvintes, aos que assistem à TV e aos presentes, digo três coisas rápidas.

Primeiro, gostaria de pedir ao Senador PAIM que registrasse nos Anais da Casa uma contribuição de um dos maiores constitucionalistas do Brasil, o grande Fábio Konder Comparato, que fez esta justificação e nós a escolhemos para ser entregue hoje ao Supremo Tribunal Federal, mostrando que as cotas são constitucionais. Peço, então, que seja colocado nos Anais da Casa.

Segundo, todos aqueles que estão nos vendo e os demais Senadores bons, sangue bom, gente boa, que querem nos ajudar nessa luta, podem entrar no site www.manifestocotas.net, e ali assinar a favor desse processo, dessa defesa que vamos entregar daqui a pouquinho, às 18 horas no STF.

O SR. PRESIDENTE (Paulo Paim. Bloco/PT - RS) - Frei David, permita-me dizer que recebo já o documento -, só para dizer, é do Fábio Konder Comparato -, e vou encaminhá-lo ao Supremo Tribunal Federal.

O SR. FREI DAVID DOS SANTOS - Excelente! Muito bom! Muito bom mesmo! E um último ponto. Em nome de todos os presentes que compõem a Mesa, faço um apelo ao coração dos nossos irmãos membros do partido DEM. Tenho certeza de que vocês amam o nosso povo negro, vocês, Senadores, e vocês, Deputados do partido DEM. Se vocês amam realmente o povo negro, peço a vocês, de coração, que retirem o processo contra as terras de quilombo. Vocês entraram, no Supremo Tribunal, contra o meu povo negro. Provem que vocês amam nosso povo negro. Também, irmãos do DEM, quero dizer a vocês que na Câmara dos Deputados, três comissões aprovaram, por unanimidade, o Projeto nº 73/99, a favor das cotas nas universidades públicas. Três comissões, por unanimidade! Vocês, do DEM, lideraram um manifesto e, assim, o projeto, que vinha direto para o Senado, foi engavetado. E está engavetado há dois anos. Por amor à causa de Deus, por amor ao povo negro, por amor aos excluídos, peço à Presidência do DEM, peço aos meus irmãos Senadores do DEM, peço aos nossos irmãos Deputados do DEM que revejam humildemente essa posição e nos amem. Provem que vocês querem um Brasil integrado e não o negro eternamente fora dos direitos normais de justiça! Eu não aceito, 120 anos depois, que 97% do povo afro não tenham conseguido entrar nas universidades. Eu não aceito saber que somando todas as universidades federais do Brasil nem 1% dos professores são negros. Não é esse o Brasil que eu amo e não é esse o Brasil que eu quero ver construído nesta Nação. Peço a vocês solidariedade e justiça ao meu povo negro. Obrigado.”

V - CONCLUSÃO

Estamos convictos do avanço da integração entre as etnias provocado pelo instrumento social chamado de Ações Afirmativas/ Cotas. As Cotas estão se afirmando como um forte elemento integrador. Um Brasil novo está nascendo a partir das políticas de

inclusão pluriétnica. Nos quatro cantos do Brasil o Judiciário está participando decisivamente da construção deste momento novo! Estão aprofundando em estudos e se assessorando dos que estão nesta causa a mais tempo. O mais brilhante exemplo deste fato está na atitude do Desembargador do Tribunal de Justiça do Espírito Santo, Samuel Meira Brasil que, com a aprovação de todo do Tribunal, convocou uma audiência pública para se debater este assunto. Entre os convidados, duas pessoas a favor e duas contra. Em seguida abriu o microfone para todas as entidades e cidadãos que quisessem se manifestar. Foram dois dias de ricos debates! Foi um trabalho brilhante e, com certeza, poderá ser uma prática sadia e louvável a ser replicada nos Tribunais do Brasil. O Ministro do STF, Lewandowski, em palestra proferida na FGV-Rio em 31 de agosto de 2009, partilhou a intenção de convocar para novembro de 2009 uma Audiência Pública no STF sobre as Ações Afirmativas/Cotas na UnB e no Brasil. Será, com certeza, um momento marcante para a comunidade jurídica e sociedade em geral. Queremos antecipadamente parabenizar o Ministro Lewandowski, caso venha a colocar em prática esta decisão.

Acima de tudo temos que estar abertos para o novo. Permitir que, a princípio ele nos incomode e, em seguida, nos questione. Faça com que nos inteiremos dos fatos e que estes com seus argumentos positivos nos convençam.

“Tratar os iguais na medida de sua igualdade e os desiguais na medida de sua **desigualdade**”, conforme nos orientou Rui Barbosa, grande mestre do Direito, é o caminho para se mudar o país para melhor. Ele nos inspira a procurarmos, em suas palavras que vão além do direito e se tornam proféticas, a saída legal e justa para a igualdade.

Para a verdadeira justiça não basta a interpretação nua e crua da lei, mas de poder senti-la através do coração. Colocarmos no lugar do outro. Foi o que fez o Jurista Dr. William Douglas em aproximar duas crianças uma na figura de sua filha e outra filha de sua serviçal e comparar suas realidades.

Apelamos para que sejam levados em conta os argumentos aqui apresentados e que eles tenham a força e o propósito de for-

talecer opiniões favoráveis a nossa causa que é a de incluir para somar.

Há dados muito positivos: as mudanças para melhor têm a contribuição do Poder Legislativo que, em várias partes do Brasil, tem aprovado leis nesta direção. Muito se deve também às mãos da sociedade civil organizada, que tem feito manifestos em prol desta causa. Intelectuais orgânicos que têm ouvido a militância e pautado nos conselhos universitários este compromisso, com resultados significativos e as mãos do Poder Executivo que, só no ProUni, nestes 5 anos, colocou mais afro-brasileiros nas universidades do que todos os demais governos durante 504 anos de história do Brasil. Sabemos que o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro e os do resto do Brasil não serão omissos neste momento especial em que são chamados a se manifestarem em prol de um Brasil melhor para os pobres. Irão, com abertura de coração e espírito, ouvir o novo que surge e, como todos sabemos, para canções novas, é fundamental termos ouvidos novos! 